

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Ana do Carmo Moreira de Sousa

registada em 2008-09-26
por

Carla Aguiar e Joana Ribeiro

Ana do Carmo Moreira de Sousa

Ana do Carmo Moreira de Sousa nasceu em Chãs d'Égua a 19 de Fevereiro de 1929. O pai era Manuel Sousa da Silva e a mãe Maria José de Sousa. Trabalhavam no campo. Mas o pai teve que migrar muitas vezes. A mãe ficou em Chãs d'Égua. Tiveram sete filhos. Aos 7 anos começou a fazer o correio. “Levava um saquinho com uma fechadura e ia levar ao Piódão.” Ia buscar lenha a todos os outeiros à volta de Chãs d'Égua, com um bocado de pão e conduto para lá comer. Só aos 9 anos é que veio uma professora de Coimbra e começou a dar aulas a rapazes e a raparigas. Depois veio outra professora que a levou à terceira classe e passou-a. Preparou-a para também passar para a quarta, mas Ana tinha que levar os ovos à Covilhã. Depois só fez a quarta em Coimbra. Começou com 10 anos a levar ovos à Covilhã, até aos 31 anos. À luz do candeeiro a petróleo fez muitas peças de roupa, para as pessoas da aldeia. Saiu de Chãs d'Égua aos 35 anos. Foi em 1964. Esteve quatro anos em Coimbra, dois no Porto e dois em África. Foram oito anos. Em Coimbra e no Porto estava numa congregação religiosa e depois foi para África. Era as Religiosas do Amor de Deus. Trabalhou de costura e ensinou. Em Março de 1972 regressou a Portugal, foi para Sintra, para uma colónia de férias, até Setembro. Até que a irmã foi com ela a uma fábrica de cerâmica em Lisboa e ficou lá, durante 19 anos. Ao fim desse tempo, voltou para Chãs d'Égua, o pai estava à sua espera. Começou a trabalhar na agricultura.

Índice

Identificação Ana do Carmo Moreira de Sousa.....	4
Ascendência Manuel Sousa da Silva e Maria José de Sousa.....	4
Infância Uma infância a trabalhar.....	8
Educação Uma escola só para rapazes.....	11
Casa A casa da minha mãe.....	13
Percurso profissional De Portugal a África.....	13
Religião Dedicção à Igreja.....	23
Lugar As paisagens.....	26
Sonhos Poder trabalhar.....	27

Identificação *Ana do Carmo Moreira de Sousa*

O meu nome é Ana do Carmo Moreira de Sousa. Nasci em Chãs d'Égua a 19 de Fevereiro de 1929.

Ascendência *Manuel Sousa da Silva e Maria José de Sousa*



A irmã Maria e o pai no dia do seu centésimo aniversário (7 Janeiro de 1992)

O meu pai era Manuel Sousa da Silva e a minha mãe Maria José de Sousa. Mas o Sousa acrescentou depois. Trabalhavam no campo. Tinham milho, batatas, feijão, cebolas, pimentos e couves. Mas o meu pai teve que migrar muitas vezes. Talvez a primeira vez foi para Lisboa. Depois foi para a Espanha, mas tiveram que ir passar a fronteira a pé. Foram ali por o Porto, parece que foi por Monção. Foram para as Astúrias. Era umas minas de carvão que ele trabalhava lá. Ainda tenho uma fotografia que ele tirou lá às portas da mina, lá da Espanha. Esteve lá por duas vezes. Já vi uma carta até do meu avô, que ele estava lá em 1921. Mas talvez foi a primeira vez. Depois, mais tarde um bocadinho, voltou para lá. Mas em 1921 estava lá que a carta do meu avô dirigia-se a ele.



O pai Manuel Sousa da Silva (Minas de Carvão nas Astúrias, 1921)

"O viver da minha mãe"

A minha mãe ficou cá em Chãs d'Égua. Só uma vez, já eu era nascida, foi a Lisboa estar lá um tempito. Diziam-me que eu tinha 1 ano. Esteve lá pouco tempo, veio-se embora e viveu sempre aqui. Fazia tudo. Posso dizer que casou com 17 anos. Ela dizia:

- "Foi 17 anos e meio."

Quer dizer, fez anos em Março e depois casou dia 3 de Outubro. Até foi o dia 3 que eu também entrei para a fábrica em Lisboa e lembrava-me que era o aniversário do casamento da minha mãe. Portanto, seria os 17 e meio mais ou menos. Mas ela foi uma menina que se soube orientar. Ela não sabia costura. Mas, como tinha pouco dinheiro, comprava os trapinhos para fazer os vestidos para os meninos. Depois fazia um talhozinho por o papel. Colocava em cima daquele pano e fazia. Dizia ela que agradecia muito ao alfaiate cá da terra que muitas vezes cosia-lhe à máquina para ser mais depressa. Senão, tinha

que coser à mão. Mas ela foi-se orientando a fazer aquelas coisinhas porque poupava muito dinheiro. Ia às feiras e trazia aqueles bocadinhos de pano mais barato. Economizava já muito porque fazia por ela. Lembra-me ainda uma blusa que ela me fez. Ela, quando foi talvez aos 20, nasceu o meu irmão. Já tinha tido outro menino que morreu. Em dois anos e meio teve dois. Foi uma vida sacrificada, é verdade. Depois teve sete filhos. Lembro-me, eu tinha 7 ou 6 anitos, ela levantava-se cedo e começava a fazer roupa. Ela levantava-se e eu também. Estava para ir para o correio. É uma coisa que me ficou muito marcado, o viver da minha mãe.



Manuel de Sousa, irmão de Ana do Carmo (1936)

As cantigas da mãe

Lembro-me também as cantigas que a minha mãe cantava assim de manhã. Ela cantava muito fino. Uma era assim:

*"Ó amendoeira, que é da tua rama?
Por causa de ti anda o meu amor em fama
Se ele anda em fama, deixá-lo andar.
Em água clara, me eu hei-de lavar."*

E outra era assim:

*"O anel que tu me deste era de vidro, quebrou.
Chora ó videira, videirinha.
Chora ó videira, ó rosa linda."*

Eram mais coisinhas que ela cantava e eu, pronto, aprendia tudo.

A avó

Eu tinha 5 anos quando morreu a minha avó. Ela ficou connosco, mas depois teve qualquer coisa e ficou assim um bocado mal. Ainda guardava a minha irmã mais nova. Não fazia trabalhos nenhuns por fora. Viveu sete anos connosco.



Ana do Carmo (sentada à esq.), com os pais e os irmãos (1939)

Infância *Uma infância a trabalhar*

"Fazer o correio"

Aos 7 anos comecei a fazer o correio. Levava um saquinho com uma fechadura e ia levar ao Piódão. Mas fui eu que pedi ao meu pai que me deixasse ir. Ainda me lembro. Disse:

- Deixe-me ir fazer o correio.

Dizíamos "fazer o correio", levar a mala ao Piódão. Eu tinha que me levantar cedo. Logo às cinco da manhã tinha que ir lá levar. Tinha que chegar a tempo da outra pessoa lá do Piódão ir a Pomares levar também o correio.

"Os garotitos"

Fui buscar lenha a todos os outeiros que há aqui à volta de Chãs d'Égua. Às vezes, era tarde e nós sem virmos. Íamos mais que uma vez. Levávamos um bocado de pão e conduto para lá comer e íamos acartando. Era para aí umas três ou quatro horas que lá andávamos. Paus grandes, cortávamos um dia, andámos lá que tempos. Havia só um menino que levava uma machada. Eu não tinha ordem de levar a machada, porque podia a estragar. Levávamos só o podão. Então, o rapazinho andou, cortou, cortou com a machada. Porque era só ele a cortar. Lá sempre pusemos o pinheiro no chão. Depois, todos queriam a ponta, que era a mais fina. Era a rama e mais o tronco onde era mais fino para cima. Como não chegava para todos, aquelas partes só podia dar aí para quatro, talvez, tivemos que ir buscar noutro lado. Ali já não deu para mim e outros. Porque era assim, os garotitos aí de 10, 12 anos éramos nós que acartávamos a lenha, coitados.

Às vezes íamos buscar um molho de mato. Chegámos ali adiante, ao poiso, estamos assim com o molho poisado e dizíamos:

- "Vens outra vez?"

- Eu venho.

Eu prometia também que ia outra vez ao mato. Chegava cá a minha mãe dizia assim:

- " Não, agora não podes ir, porque tens que ir para outro trabalho."

Eu começava a chorar porque não me deixava ir ao mato. Andar com os outros meninos era uma festa para mim.

Um sarrão

A minha mãe ia buscar o milho e era debulhado. Pedíamos a outras pessoas para ajudarem. Depois era seco com uns cobertores. Até arranjavam uns cobertores novos para o milho secar bem. Mais tarde, punham noutra, em mantas de fitas e, às vezes, já toldos. Mas naquele tempo era os cobertores bons, de lã é que serviam, porque secava mais depressa o milho. Depois, estava seco, punham num sarrão, que era a pele de uma ovelha. Chamava-se um sarrão ou um saco. Quer dizer, podia sair num saco, mas geralmente ia no sarrão e voltava a farinha outra vez no mesmo sarrão.

"Um punhado de milho"

Um dia fui com a minha mãe. Quase sempre os mais pequenos é que ajudavam a ir e eu fui com ela. Era assim muito pequenita. Ela lá tirou o milho do moinho, que ainda tinha, apanhou a farinha, mas aquele milho pôs num sarrãozito e pôs-mo às costas. Aquilo seria um punhado de milho, mas era um peso tão grande, tão grande... Cheguei mais acima, parece que vi uma coisa. Já vinha um bocado sem forças. E, pronto, ficou-me sempre a lembrar, porque devia ser o peso. Eu é que era muito pequenita para aquele peso, porque ela não punha pesos grandes. Mas só algum punhado de milho para mim chegou. Depois vim andando e só mais acima é que lhe esperei. Aquele dia devia ser muito pequenita. Ainda lá pôs o restito, porque ela tinha que trazer a farinha e eu é que trazia o grão, porque não podia vir no mesmo sarrão.

Pãozinho com quatro quartos

As coisas que a minha mãe podia fazer não nos mandava. São coisas que ela estava habituada. Lembra-me ainda ir tender o centeio. Era um bocadinho melhor de tender. Tender era, bailá-lo numa tigela. Aquilo anda a saltar na tigela. É assim para ficar bem redondinha e bem calcada. Faziam bola e depois, para os meninos pequenitos, faziam assim com quatro quartos. Ficávamos todos contentes por ter aquilo. Era outro feitio. Geralmente faziam assim para os meninos para ficarem contentes. Quando coziavam, faziam pãozinho daqueles assim a fazer quatro quartos que era diferente do outro.

A recordação

Aos 7 anos a minha mãe levou-me para a Covilhã. Tinha uma irmã mais velha, mas já fazia mais falta no trabalho. Então, ela levou-me a mim. Daquela viagem tenho muitas lembranças. De outras pouco me lembra, mas aquela viagem ficou-me na recordação. Sei que levei a merenda à cabeça e a minha mãe ia vender ovos. Foi só aquela vez. Depois já não voltou. Talvez o meu pai já não estava cá e então foi vender lá uma cesta de coisas. Então passei numa serra, vi umas flores, que não havia cá. Aquelas eram tão lindas que eu disse:

- Vou apanhar as flores.

E ela disse:

- "Não, hoje não. Amanhã."

Então, esse dia fomos dormir a um sítio que se chamava Orondinho. Lá comprou uma tigela de sopa para mim e para ela. Mas eu não gostei daquela sopa. Depois ela comprou-me uma tigela de leite, porque tinha uma cabrada ali e, então, comi leite. Ao outro dia levantámo-nos, acompanhámos com uma senhora que ia vender leite à Covilhã. Do Orondinho eram umas 4 léguas para a Covilhã. A gente chamava as léguas mas devia ser mais de 20 quilómetros. Lá também me lembro ir a uma casa onde vendemos um frango e ela deu-me um bocado muito grande de pão trigo com um bocado grande de queijo. Não sei como é que foi. Se foi a minha mãe que pediu à senhora, se não foi. Depois fomos a outra casa. Deu-nos sopa. Naquele tempo, não havia para comprar nada. Deu-nos uma tigela de sopa e disse que o feijão era passado porque o marido não podia comer as cascas. Ficou-me aquilo na recordação.

O coelho que é uma lebre

Depois a minha mãe tinha lá uma prima que era filha de um tio dela e fomos visitar a prima. Quando chegámos à porta, a menina dela veio lá também com a mãe. A menina, tinha os meus anos também. Tinha 7 anos e ficou logo a conversar comigo ali à porta. Sei as conversas que tive com ela. Só mais tarde é que subimos as escadas. Eles moravam na casa dos Bombeiros Voluntários da Covilhã, mas era lá num quinto andar. Sei ainda o que comi. Era um arroz com coelho e ela disse assim:

- "Ó mãe, o coelho parecia uma lebre!"

Nunca mais me esqueci dessa. Quer dizer que era grande.

Ao outro dia viemos dormir ao Paúl. Também me comprou leite para comer com pão. Quando nos levantámos, estava a chover. Quando viemos lá passar naquele sítio das flores, estava tudo molhado. Já não me lembrei das flores, mas fiquei sempre a recordar aquelas flores tão lindas. Depois passei lá muitas vezes, porque aos 10 anos, comecei a minha irmã com o negócio. Levava-me a mim para a ajudar. Depois, aos 17, ela casou. Fiquei eu com esse negócio dos ovos. Passei lá tantas vezes, mas nunca mais me lembraram as flores como foi daquele dia.

Educação *Uma escola só para rapazes*

No meu tempo, se fosse a dizer as famílias que cá havia, ainda eram bastantes. Não era tanto como depois para aí em 1950 e tal. Naquela altura, na escola, podiam ser aí uns 20 e tal, talvez até 30. Esteve cá um professor, mas eu ainda não tinha a idade. Quando se ele foi embora, já tinha 4 anos. Depois veio um senhor de Piódão ensinar os rapazes. Não ensinava as raparigas. Até que depois, o meu irmão foi para o Vale de Maceira à escola e as raparigas não podiam ir.

Do elogio ao medo

Só quando foi aos 9 anos é que veio uma professora de Coimbra. É que começou a dar aulas a rapazes e a raparigas. Nessa altura podiam ser para aí uns 30 talvez. A escola tinha sido feita pela povoação. Até era uma sala muito bonita. Depois, só talvez em 1958, é que fizeram aquela escola do Centro Interpretativo. A professora não esteve cá o ano todo. Sei que passei lá meio ano. Sei que o meu pai, estava lá numa loja no Piódão, disse assim para o pai do senhor Lourenço:

- "Olha, passou em meio ano! Em meio ano passou para a segunda!"

Estava a elogiar-me. Também gostei de ouvir aquilo. Depois veio outra professora que me levou à terceira classe e passou-me. Naquele ano, para passar para a segunda fui sozinha, com a mulher do Manuel, mas ela já era mais crescida. Já tinha andado com o professor. Dos que começaram com aquela senhora fui só eu. Quando eu fui passar para a terceira é que foram os outros todos passar para a segunda. Fui ao Sobral Magro. Fiz a passagem para a terceira sozinha. Os daqui iam todos passar para a segunda. Vá lá que ainda adiantei qualquer coisa. Depois a terceira já fiz de noite. Andei 31 dias. Porque em Arganil perguntaram-me quanto tempo eu andei e disse:

- 31 dias!

Era duas horas cada serão. A professora sei que um dia disse-me assim:

- "A Ana aprendeu mais nestas duas horas do que alguns meus alunos na escola um mês."

Lá viu que eu apanhei assim um bocadinho mais depressa aquelas coisas. Fui passar para a terceira em Arganil e depois ela preparou-me para também passar para a quarta. Mas, eu tinha muitas coisas para fazer. Tinha que levar os ovos à Covilhã. Só faltavam três semanas para o exame. Eu comecei a ter medo que podia ficar mal, não fui. Depois só fiz a quarta em Coimbra. Mas podia ter ido com aquela professora do segundo ano, que ela disse-me para eu ir. Nós éramos só três que lá andávamos. Ela disse:

- "Olha, a Alzira - era uma irmã da Arminda - não pode ir, porque não tem ainda os 14 anos."

Não podia ir fazer o exame como adulta.

- "E a Maria da Conceição - que é outra prima minha - dá muitos erros, também não pode ir. Mas a Ana pode ir!"

Mas eu depois comecei a pensar que podia ficar mal, não fui. Às vezes fazemos coisas mal. Podíamos fazer de outra maneira.



Ana do Carmo com a irmã Elvira e as amigas Alice e Gracinda (da esq. para a dta.), década de 50

Casa A casa da minha mãe

A casa da minha mãe agora é da minha irmã. Mas já a arranjou. Tinha apenas três quartos. Mas tinha uma sala grande no primeiro andar. Por cima era uma casa mais pequena e a cozinha. Tinha um sótão com um caniço para secar as castanhas. Era para pôr as castanhas a enxugar porque vinham dos castanheiros ainda molhadas. Ainda cá conheci cozinhas fundas. Conheci aquelas tábuas por cima onde se sentavam. A nossa não. Tinha uma tábua grande, muito forte. Sentavam-se quase todos naquela tábua. Nós chegámos a ser dez pessoas, porque havia a minha avó. Tínhamos uma mesa que se encostava para cima. Depois, quando se desandava tinha as quatro pernas, lá cabíamos todos. Nesse tempo, não tínhamos fogão. Mais tarde já tínhamos um fogão de ferro. Mas antes não. Era só o comer feito na lareira. Tínhamos que ir buscar muita lenha para queimar.

Depois do jantar, rezava-se o Terço. Isso era sempre. Costumava-se rezar uns Pais Nossos logo a seguir ao comer. Era pela alma dos nossos.

Percurso profissional *De Portugal a África*

Ovos à Covilhã

Até com 10 anos já levava os ovos à Covilhã! Levava carregos mesmo. Comecei a levar um cesto com 2 centos. Eram 16 dúzias e oito ovos. Levava num cesto que levava 1 alqueire de milho. Ainda me lembro, a minha irmã pedia lá aos homens que iam com os bois lá na estrada, ali no Paúl, por aí acima. Dizia-lhes: - "Leve-me lá a minha irmã!"

Punha lá o cestito de cima do carro dos bois e eu também subia. Já me aliviava. Porque muitas vezes passei aquela estrada a dormir. Isso é que era de admirar! Ia cansadinha, o sol era muito e, às vezes, dormia com o cesto à cabeça. Graças a Deus, com a minha irmã nunca deixei cair os ovos. Ela até gostava de me levar. Uma irmã minha mais nova foi lá, parece que duas vezes, partiu-os. Depois ela levava-me a mim. Naquela altura, era aquele cesto. Depois veio cá o canastreiro, fez outro cesto maior que já levava 3 meios de milhos. Quer dizer, em lugar de ser 20 litros eram 30. Mas o nosso alqueire em Chãs d'Égua era só de 16. 16 com mais 8 eram 24. Faz de contas que era 24 litros no alqueire e meio. Levava então o cesto cheio de ovos, porque levava mais.

"Trouxe 35 dúzias"

Quando foi aos 15 anos, veio um homem a fazer cestas e fez uma cestita pequena. Mas era nova e eu toda contente com a cestita! Se calhar ainda era mais pesada. Levei a cesta e a minha irmã pôs-lhe um pano por cima bonito. É a tal tolice. Eu ia assim de vontade com aquela cesta, mas não sabia quantos é que levava. Com 15 anos já levei 35 dúzias. Mas eu nem sabia que os levava. Ia toda contente com a cestita. Quando lá cheguei, é que a minha irmã disse:

- "Hoje a minha irmã trouxe 35 dúzias!"

As companhias

Eu cheguei a vender uma dúzia de ovos a 6 escudos. Era a 5 tostões cada um.

Uma vez o meu pai mandou-me sozinha. A minha irmã, a mais velha, estava coxa. Naquele tempo pagávamos uma barreira. A barreira era 4 tostões. Quando chegávamos à Covilhã, lá ao fundo, tínhamos que comprar aquele bilhete. Mas eu levava só um cestito de ovos. A minha irmã achava que era muito eu ter que dar aquele dinheiro. Então, foram falar com umas raparigas mais de idade e a minha irmã foi pedir à outra rapariga, para me levarem os meus ovos juntos com os dela lá para a praça. Nessa altura, ainda vendíamos na praça. Eu era assim muito pequenita e lá, me levaram os ovos para cima. Levaram-me os ovos para cima e chegaram à praça. Não sei se fui eu que lhe pedisse os ovos para o meu cesto, mas o que sei dizer é que tinha os ovos no meu cesto. Havia praças assim muito ruins. Que não vinham as pessoas comprar. Estivéramos e não vendemos os ovos. Elas disseram-me assim:

- "Olha, agora ficas aqui, porque agora ficas cá sozinha, vendes bem. E nós vamos dar a volta por as portas, a vender nas ruas."

Foram e eu fiquei lá. Mas a praça já tinha acabado. O pessoal já não vinha naquela altura. Ali estive e não vendi os ovos. Quando elas vieram:

- "Ai tu ainda não vendeste!?"

- Então, não veio cá ninguém...

Os meus ovos, ao sítio onde a minha irmã ia buscá-los, eram maiores. Elas iam buscar a um sítio, que era ali para os lados do Soito da Ruiva, onde os ovos eram mais pequenos. Eu estar ali com o cestito dos ovos fazia-lhe má venda aos delas. Então elas diziam assim:

- "Olha, já vem aí o guarda!"

Naquele tempo não se dizia polícia.

- "Vem aí o guarda, esconde os ovos!"

Eu lá ia como o pano e tapava os ovos. Depois lembrava-me: seria que realmente fosse verdade vir lá o guarda? Porque eu não tinha o papelito dos 4 tostões. Portanto, ele era capaz de me fazer pagar outra vez o bilhete. Seria verdade que fosse assim ou era elas que me mandavam tapar os ovos para não fazer má venda aos delas? O que sei dizer é que não os vendi. Elas também não venderam. Tinha acabado já, o pessoal já não vinha quando elas lá chegaram:

- "Então vai aí ver se os vendes."

- Mas eu não sei por onde é que hei- de ir.

Porque eu só tinha ido uma vez com a minha irmã vender frangos pelas portas, mas nunca tinha ido dar a volta pelas portas.

- "Olha, vai por aí além..."

Nunca mais me esqueci daquilo. Eu lá abalei com o cestito, por ali além. Agora ali era onde era os correios mas está perto da praça nova agora. Eu estava ali e fui para os lados do Pelourinho. Aí havia uma loja onde nós comprávamos a mercearia. Era o Zé Romano. Eu sabia ir para ali. Mas depois desandei para o outro lado que era para os lados da Igreja de Santiago. Nesse tempo estava arruinada. Acho que foi no tempo das revoluções. Já eu tinha 19 anos, é que arranjaram essa igreja. Foi lá a Imagem Peregrina à Covilhã e, nessa altura, já tocaram os sinos daquela igreja. Depois, aonde se volta para essa igreja era assim uma esquina e estava lá um sapateiro. Eu disse-lhe se me queria comprar os ovos. Ali houve dedo de Deus, houve! Porque eu desamparadinha, pequenita, talvez uns 10, 11 anos, sem ninguém me ajudar, nem nada. Ora, um sapateiro até podia não mos comprar. Mas comprou-mos todos! Nisto, venho ter à praça. Aquilo não era uma praça, era aquele largo onde se vendia. Cheguei lá, já lá não estavam. Estavam lá umas senhoras ainda a vender e disseram:

- "Olhe, elas disseram que esperavam ao Pelourinho."

Ora o Pelourinho era para trás. Eu imaginei: deve ser ao tinto, onde tingiam as roupas de preto quando alguém morria. Nós levávamos coisas para tingir. Naquele tempo, quando morria alguém, depois mandavam as roupas e nós mandávamos lá tingir. Às vezes davam-nos qualquer coisita e fazíamos o favor às pessoas. Chamávamos lá ao tinto que era onde nós íamos mandar tingir a roupa. E pensei: para o Pelourinho é ali para trás, deve ser ao tinto. E começo a andar para a frente. Foi a minha sorte. Cheguei-me mais para lá. Estavam lá debaixo de uma tenda à sombra. Então, mas se eu tenho voltado para trás, para onde é que eu ia? Tinha-me perdido, lá alguém me havia de encontrar. São coisas que a gente fica toda a vida a recordar. Às vezes, as falsidades e depois foi outra. Nunca estava habituada a dormir na ponta, era sempre no meio. Quando ia com a minha irmã, elas dormiam dos lados. Naquela noite fizeram-me ficar de ponta. Fiquei assim desgostosa com as companhias.

Mas eu depois, aos 17 anos, comecei já o negócio por minha conta, porque ela casou. Já comecei a levar logo as 40 dúzias. Depois cheguei a levar umas 50 dúzias para a Covilhã. O carregamento era muito grande. Eu ia buscá-los lá em baixo à freguesia de Pomares. Para ir buscá-los demorava um dia. Ia sozinha. Depois chegava cá, arranjava-lhe mais palha, punha-os mais bem arranjados. Depois íamos aí quatro ou cinco raparigas para a Covilhã. Abalávamos de manhã, chegávamos lá à noite. Mas era se fosse de Verão. De Inverno tínhamos que ficar ainda pelo caminho. Eu não aguentava. Ao outro dia saíamos de lá. Às vezes, vínhamos para casa, outras vezes, também ainda demorávamos a fazer compras e assim. Tínhamos que demorar mais um bocado do outro dia ainda. Dois dias e meio para a Covilhã. Todas as semanas e andar a pão e o conduto! Levávamos um queijo, uma chouriça, um bocado de carne e era a nossa comida durante aqueles dias. Às vezes, comprávamos um bocadinho de leite. Havia uma casa no Tortosendo, que era o doutor Garrett. Tinham lá muitas vacas. Aquele leite era muito bom. Ferviam o leite primeiro. Nessa altura é que ainda passávamos menos mal, porque comíamos aquele leitinho com pão. Já era melhor. Porque senão ainda tínhamos que andar todo o dia às secas com pão e conduto.

O freguês espanhol

Eu já não fui com galinhas. Eu, às vezes, digo assim:

- Eu era ovelha, não era galinha!

Nós só levávamos ovos, porque tínhamos um freguês muito bom. Era um senhor que era espanhol. Foi numa altura que não havia a lei de transportar os ovos. Então, não podíamos vender assim em qualquer lado. Naquele tempo era Guarda Nacional Republicana. Uma vez apanharam-nos. Eu com outra rapariga fomos no carro deles. Eles levaram-nos e fomos para esquadra mesmo com os ovos todos. Porque tínhamos que vender na praça, não era vender pelas portas. Mas depois elas disseram-lhe que nós tínhamos um freguês e que não podíamos faltar com ovos àquele freguês. Depois tiveram que ir saber lá àquele senhor se era verdade. Ele disse que sim. Chamava-se Francisco Muñoz Gomes, mas nós chamávamos-lhe só o senhor Paco. Ficámos sempre, sempre a vender a ele. Naquele tempo, quando foi isso, ainda ia a minha irmã. Depois ficámos sempre a vender a ele. Começou a simpatizar comigo e, às vezes, dizia assim:

- "Hoje as contas são feitas pela Ana."

E eu dizia-lhe:

- Olhe, 200 dúzias a tanto é tanto!

E ele dizia:

- "Hás-de vir para o meu escritório."

Sempre me tratou como uma pessoa de família. Tratava-me muito bem. Foi tanto que, mais tarde, uma vez que ele estava a conversar comigo, disse que tinham posto um hotel lá perto (que nós chamávamos o arco da cadeia) e tiraram a freguesia à pastelaria dele. Ele estava assim a queixar-se, mas viu que eu fiquei triste. Disse-me aquilo, porque desde pequenita comecei a ir com a minha irmã. Depois, nessa altura, viu que eu estava assim bem triste, diz ele:

- "Mas tu vens sempre!"

Queria dizer que nunca deixava de me comprar. Mas pouca sorte, porque ele depois morreu. Morreu de uma morte assim de repente e depois eu nunca mais tive coragem de lá ir. Mandeí uma carta a dar os sentimentos à mulher por a minha irmã (por a outra minha irmã mais nova). Num mês morreram os dois, marido e mulher. São coisas tristes, não vale a pena contá-las, mas é verdade. Foi nessa altura que deixei de ir lá. Depois já vendi ali pelo Tortosendo ou assim, mas à Covilhã nunca mais voltei.

"Foi tempos de sacrifício"

Às vezes deitávamo-nos num palheiro ou assim. Havia sempre aquele receio. Estava habituada sempre a dormir no meio. No meio, de Inverno, dormíamos mais quentinhas. Se era de Verão também. Naqueles palheiros, às vezes, tinham pasto e nós deitámo-nos. Outras vezes, também me lembra, deitávamos a roupa no chão e dormíamos só naquela roupa. No Tortosendo, então, já faziam muito. Era o senhor Trindade. Dormíamos lá numa casa que tinha assim umas três senhoras. Elas iam lá traziam uns cortes àquelas fábricas, depois era deitada assim no chão, com aquilo assim às camadas. E dormíamos bem de cima daquelas coisas. Naquela altura foi o tempo do sacrifício, mas andávamos confiantes.

Já mesmo depois de rapariga, eu ver aquele cartaz que havia à porta de uma loja de panos e dizia assim: "Protecção às raparigas" E olhe que durante aqueles anos todos nunca tivemos um mau toque. Nunca tivemos nada. Às vezes, vínhamos para ali da serra de noite, passávamos lá no Sobral e diziam assim:

- "Ó meninas fiquem cá, durmam cá."

Mas às vezes, ainda era assim um bocadinho cedo, abalava. Lá saíamos mas depois na serra anoitecia. Mas, graças a Deus, nunca tivemos perigo nenhum. Foi tempos de sacrifício, mas eram tempos que andávamos confiantes que não nos acontecia nada. Sempre só raparigas até aos 31 anos. As minhas irmãs casaram, foram para a casa delas. Eu é que estive em Chãs d'Égua sempre.

Costurar à luz do candeeiro

A luz era só petróleo. Não me lembra assim haver a candeia de azeite, era mais o petróleo. Mas eu cheguei a fazer muitas coisas, peças de roupa, de noite com o candeeiro. Primeiro era um candeeiro mais pequenino. Depois já era um candeeiro com uma chaminé.

Uma blusa em quatro horas

Quando eu já tinha 31 anos, convidaram-me para um casamento. Foi na véspera que me convidaram. Eu tinha lá uma blusa. Era um pano muito bom. Pensei fazê-la ainda aquela noite. Fui avisada às nove horas, às 11 horas comecei a fazer a blusa, às três horas estava pronta. Porque, naquela altura, estava habituada. Fazia muito depressa. Fiz a blusa naquela noite e depois, ao outro dia, fui ao casamento.

Fiz muitas peças de noite. Tinha é que dormir um bocadinho. Só que fosse cinco minutos. Se eu dormisse cinco minutos, aguentava a noite. A minha mãe até dizia assim:

- "Tu já sabes como és, descansa um bocadinho."

Depois já podia aguentar a noite. Fazia saias e aventais. Fazia para mim e para os outros. Fiz aí muita roupa para as outras pessoas.

As batas

Geralmente, onde estive, aproveitavam-me sempre para a costura. Estive no Porto. Fiz muitas batas para as meninas do quinto ano que estavam no colégio. E comecei a fazer para outro colégio que tinha só meninos a partir dos 2 anos. Ainda me lembra que era 50 escudos cada bata. Mas era lá. Porque eu em Chãs d'Égua fazia uma saia a 2500, uma blusa podia ser aí 5 escudos. Fiz tudo aí em 1950 e até 1960, por aí assim. As roupas era tudo baratinho aqui. Mas depois, em Coimbra, mandaram-me para o Porto e então lá não era à minha conta. Fiz lá muita bata. Ainda fui à frente 15 dias antes para começar a fazer as batas. No Porto, a abertura era atrás com os botões. Tinham um "viezinho", no peito e eram soltinhas, com os bolsos. Mas o que lhe dava graça era aquela fitinha que tinha. Um rolinho que tinha nos bolsos e no cabeção, atrás e à frente. Uma virolazinha só em cima. Eram assim as batas de todos. Das crianças e das raparigas lá do Porto. Ficava muito giras as batas. Lá é tudo azul.

Aqui também fiz para a escola. Fiz primeiro para as raparigas. Também azuis, com uns bordadinhos. E depois também para os rapazes. Foi um senhor que veio do Brasil que comprou pano para todos, para os rapazes e para as raparigas, e eu é que as fiz. Eram assim um xadrezinho. Dessas para os rapazes fiz abotoadas ao ombro. Em lugar de ser à frente era assim com uma partezinha a abotoar ao ombro. Também gostava muito daquelas batas. Graças a Deus fiz muita coisa. Não sei quanto é que ganhei, isso não me lembro. Naquele tempo eram 64 na escola e fiz para todos. Tinha 64 na escola e 60 raparigas acima de 12 anos. Eram das quintas. Mas só contava, acho que era só da Covita para cima. Na Foz d'Égua não contava. Mas contei 60 raparigas. A mais nova era uma filha do Manuel. Parece impossível, mas havia. Foi em 1956, 1957 e 1958

As Religiosas do Amor de Deus



Ana do Carmo, durante a missão em Gilé (Moçambique, 1971)

Saí de Chãs d'Égua aos 35 anos. Foi em 1964. Estive quatro anos em Coimbra, dois no Porto e dois em África. Foram oito anos. Embora eu tivesse já vontade de sair há muito tempo, perante a família não tinha ordem. Depois até que se convenceram e deixaram-me ir. Em Coimbra estava numa congregação religiosa. Depois fui para o Porto na mesma congregação. Foi quando fiz as batas lá. Depois fui para Moçambique. Fomos num avião. Sei que viaja a 10 mil metros de altitude. Depois fomos para Angola. De Angola fomos para a Beira. Na Beira, noutro mais pequeno, fomos noutro para Quelimane. De lá ainda fui no comboio mais lá para cima. Estive na Gilé, em Mocuba. Naquela altura já era cidade. Cheguei a ir a Nampula mas isso foi só de visita. Íamos mesmo pagas pelo Estado naquele tempo. Um tanto por cada uma. Era as Religiosas do Amor de Deus.



Ana do Carmo, acompanhada pelas intérpretes e crianças da Missão de Gilé (Moçambique, 1971)

Andar de avião para mim foi muito bom. Quer dizer, não tive medo. Eu por acaso gostei e para mim não foi assim difícil. Foi muito bem. Fiz muita coisa. Também trabalhei de costura. Ensinei as meninas, as mulheres que vinham para lá aprender a coser na máquina. Parece que era ao domingo que vinham para lá, para aquelas escolas. As capelas eram umas escolas. Nós íamos lá dar a catequese àquelas escolas. São boas recordações. Principalmente a amizade daquela gente para comigo. Isso é que é verdade. Foi muito bom. O africano a quem os tratar bem também trata bem. Ainda que tenho muitas recordações em casa que me lá deram. Muitas vezes, em Lisboa, eu andava sempre a ver se via alguém

conhecido. Porque já naquele tempo elas sentiam desejo de virem para Lisboa. Lembra-me muitos nomes daquelas meninas. Tinha um internato de meninas e de meninos. O internato das meninas é que estava ao pé das irmãs e o internato dos meninos era ao pé dos missionários. Portanto, nós não familiarizámos nada assim com eles, mas as meninas sim. Ainda havia algumas coisas que não deviam ser feitas lá. Uma vez íamos para uma catequese e vimos um homem a bater com um chicote num preto. É mau. Ainda vi a dar estalos a meninas e assim. Há coisas que nos custava a ver. Mas para a mim, graças a Deus, nunca as tratei mal. Também me trataram sempre bem a mim.

A despedida

A despedida foi uma coisa muito forte. Elas choravam muito e quiseram dar-me assim uma recordaçãozinha. Até me lembra do ajudante que vinha com a camioneta dizer assim:

- "Se a Josefa sabia, ela tinha dado uma galinha à irmã."

Porque é a coisa melhor que eles podem oferecer, é um frango. Eles têm sempre aquela coisa de agradecimento. Ele estava com pena de ela não ter sabido para me dar alguma coisa. São boas recordações.



Ana do Carmo com um grupo de funcionárias e monitoras da colónia de férias onde trabalhou como governanta (Sintra, 1972)

Na cerâmica

Vim para Portugal em Março de 1972. Depois fui logo no mês de Abril para uma colónia de férias. Fui para Sintra. Estive lá até Setembro. De 20 em 20 dias mudava-se o grupo. Primeiro começou com um grupo de pessoas de idade. E depois é que começaram as crianças. Foram-se revezando até Setembro. Em Setembro fiquei doente. Já lá não fui fazer as limpezas.

Até que a minha irmã foi comigo a uma fábrica de cerâmica em Lisboa e fiquei lá. Eu lembra-me do encarregado dizer assim:

- "Olhe, já pode vir amanhã."

Tive sorte. Portanto, fui lá a uma segunda-feira, terça- feira fui trabalhar. Depois, quinta-feira era o dia 5 de Outubro que eu nunca tinha tido aquele feriado. Foi logo um feriado depois de dois dias. Ficou-me na recordação porque foi bom. Lá estive 19 anos. Em Outubro, dia 3, entrei na fábrica. Fazia de tudo um pouco. Havia uns azulejos que faziam lá numa prensa. Eram uns azulejos com relevo mesmo na chacota. O meu primeiro trabalho foi aquilo. Calhou aquele dia. Púnhamos assim quatro pedrinhas, em cada canto sua, e depois colocávamos outro azulejo. Depois tornávamos a pôr as quatro coisinhas, tornávamos a pôr outro, até 20. Fazíamos aqueles carrinhos e depois íamos pôr noutra mesa. Foi o meu primeiro trabalho. Depois, tínhamos uma máquina, em que nós tínhamos que estar ali, às vezes, dias inteiros de pé, a aparar os azulejos. Eles vinham vindo e nós ali apanhávamos o azulejo. Fazíamos também carrinhos de 20. Depois enchíamos umas prateleiras cheiinhas daqueles azulejos. Era posto na mesa para outras trabalharem. Depois também havia outros que era trinchados. A senhora reformou-se e depois já era eu. Passamos-lhe com uma trincha, ficava a tinta logo. E outros era vidrar a chacota. Uma mão deitava com uma tigelinha pequena e a outra mão dava-lhe a volta de maneira que a tinta ficava logo espalhada. Era vidro mesmo. Depois ia ao forno cozer. Era vidrado no azulejo. Também era com uma estampilha. Também se colocava e depois passava uma trincha por cima da estampilha para ficar aqueles desenhos. Havia arranjar a loiça. Também vidrava. Mergulhava-se a loiça naquele tanquezinho de vidro, mas tinha-se que se baldear de maneira que ela ficasse bem. Depois punha-se em cima de mesa. Tínhamos que tirar-lhe aquele bocadinho por baixo para não se pegar ao forno. Havia muitos trabalhos ali para se fazer.



Ana do Carmo (2.^a da dta.), acompanhado os trabalhadores da Cerâmica Constancia, numa fotografia de grupo (Lisboa, 1974/75)

O regresso

Ao fim de 19 anos vim, para Chãs d'Égua. O meu pai estava à minha espera. Vim de boa vontade e comecei a tratar-lhe dos bocaditos que aí tinha. Até cheguei a cavar terra. Nós, na nossa casa, com os meus pais, nunca cavámos terra. Mas eu vim para cá, tinha que fazer tudo. Apanhava a azeitona sozinha, tudo. Agora cheguei a uns pontos que não posso fazer nada. Antes de vir já estava reformada.

Religião *Dedicação à Igreja*

Enfeitar a capela

Já quando era nova, já cuidava das coisas da capela. Depois ficaram os mordomos a cuidar. Comecei, nem sei como é que foi. É a necessidade das coisas. Primeiro até era menos. A minha irmã lá me começava a encarregar. Em 1962, um senhor que era mordomo foi-me falar para eu arranjar. Depois deu-me alguma coisita de dinheiro. Quer dizer, ajudou-me. Antes, isso era de graça. Agora, quando vim, comecei a cuidar do altar do Santíssimo. Até que a minha irmã, em algum tempo, era ela que tratava das imagens debaixo e eu tratava só em cima. Mas ela foi-se embora para Lisboa. Deixou-me tudo. Em

baixo são as imagens da Senhora de Fátima e o Coração de Jesus. Em cima é o São João Baptista, a Senhora das Febres e a Santa Bárbara. O padroeiro é o São João. Mas do Santíssimo é que temos de tratar melhor. No altar gosto sempre de ter umas florinhas novas, porque está o Santíssimo no sacrário. Eu, quando compro, compro as que gosto. Mas, quando me remedeio com as que há, gosto de todas. Gosto mais de cores claras, mas de vez em quando, tenho que pôr também outras. Mais roxos ou assim. Gosto sempre de flores cor-de-rosa, brancas, bege. Quando compro, compro sempre coisa para cores bonitas. Gosto das flores que são criadas cá. Até duram mais. Eu gosto delas porque são das nossas. Somos nós que cuidamos delas. Ponho giesteiras, mas já há poucas. As canas de São José são cor-de-rosa. Havia umas sécias. Há também malmequeres cor-de-rosa e brancos mas são pouquinhos. Púnhamos aquela florzinha mas, às vezes, a flor também não era tão boa como podia ser e então já não durava tanto. O mais necessário é águas sempre limpas. Também, se podermos pôr as qualidades separadas, também aguenta melhor. Mas ter a água sempre limpa é muito bom. E lavar os pezinhos das flores. Quando é preciso, cortar um bocadinho.

Venho para a capela e, às vezes, já estou cansada. Tenho que ir a casa comer qualquer coisa e depois é que volto outra vez. Agora já não posso. Limpa-se o melhor que se pode. E enfeitar também é o melhor que se pode. Antes toda a gente fazia por plantar flores. Havia muitas flores. Agora não. Há pouco quem cultive. Muitas vezes temos que comprar. Mas sempre vai havendo qualquer coisa.

Iluminá-la isso é que é preciso sempre. Dantes era com azeite. Dava mais trabalho. Agora, há uns 12 anos para cá, temos a cera líquida. Enquanto ela dura há luz. Temos que ter cuidado. Também arranjámos a lâmpada eléctrica. Só quando haja obras ou que haja trovoada ou qualquer coisa, se faltar aquela eléctrica, é que temos que acender daquela cera líquida. A lâmpada tem de estar sempre acesa. Agora há electricidade mas temos de nos preocupar se ela falta. Se faltar temos que ir logo acenda a cera líquida.

"Nunca mais tivemos missa"

Já há 38 anos que a capela não tem padre. Quer dizer, vem cá uma vez por mês. A capelania dá metade e a pessoa que manda celebrar a missa dá outra metade. Naquele tempo era uma capelania. Vinham cá todos os domingos e nós já não íamos ao Piódão. Depois, desde que veio este padre para cá nunca mais voltou. Foi tomar uma capelania lá mais perto. Agora parece que já não tem. Tomaram aquela capelania lá perto da Moura e deixou esta que era longe. Ao domingo nunca mais tivemos missa.

Juventude Agrária Católica

Poucas tradições cá há. Dantes havia aquela reunião de raparigas. Muitas vezes tinham mais aquele desejo de cantar cânticos religiosos e tudo. Agora quase nunca se ouve nada. Tínhamos antes também a JAC, formada cá na freguesia. E nós, as raparigas, tínhamos uma reunião todos os meses. Viviam assim naquela orientação, coisa que agora não. Por exemplo, vêm os jovens de Lisboa. Cada um vive em sua localidade. Vêm para aqui, são capazes de não entrar na capela, nem o dia da festa, enquanto no outro tempo todas fazíamos quase as mesmas coisas. Agora não. Eles é só os jogos. Fizeram uma casa só para os jogos. De dia dormem e de noite é que passeiam por aí. Está diferente do que era a juventude no outro tempo. A JAC é a Juventude Agrária Católica Feminina. Mas nós dizíamos a "juventude" ou a "acção católica". Havia a JAC, a JEC, a JUC e JOC. Juventude Operária Católica. A JUC era a Universitária. Agrária era do campo e havia a JEC que era Escolar, das professoras. Assim como hoje. Havia cá algumas raparigas que pertenciam aos zeladores que era do Apostolado da Oração. Outras éramos da "acção católica". As meninas quando saíam da Cruzada entravam logo para benjamins. As benjamins eram as meninas de 12 anos. Tinham uma blusa branca e saia azul. As militantes da JAC tinham a blusa também azul e a saia também azul. Nós tínhamos um jornal que recebíamos da Direcção Diocesana. Então, andavam sempre naquela orientaçãozinha de umas para as outras. Vivíamos assim em paz. Tínhamos brincadeiras. Tínhamos uma bola para jogar. Não eram jogos como hoje há. Tem coisas melhor hoje mas também tem outras coisas piores. Tínhamos jogos, bordados. Tínhamos assim muitas coisas. Íamos vivendo assim. Depois tínhamos aquela reunião todos os meses. Era quando recebíamos também orientações. Tínhamos reuniões também das dirigentes diocesanas. Íamos ao Vale de Maceira. Chegáramos a ir a Coimbra também. Cada uma morava em sua casa. Mas tinham cá mesmo assim umas raparigas que as orientavam. Chamavam, uma era madrinha das benjamins, outra era responsável do jornal. Andavam sob orientação das mais velhas. Às vezes, temos um encontro em Fátima, onde vamos ver professoras que estiveram por aqui. Elas dizem que nós é que servíamos de guias a elas. Porque até uma Judite, dizia que devia a orientação da vida dela a estas aqui do Piódão e de Chãs d'Égua. Porque ela esteve mesmo no Piódão a dar aulas. Tínhamos outra que era uma Irene Abegão. Escrevia-nos da Marinha Grande. Outra do Hospital da Universidade de Coimbra. E havia uma Olga que estava aí, dos lados da Pampilhosa. Estava lá numa escola. Agora chegámos a vê-las lá todas. Já senhoras de 70 anos. Vem ali gente àquele encontro de todo o Portugal. Até de Bragança lá estavam. Do Porto. Dos lados de Évora. Aí umas 50 senhoras que ali

estão. Mas mais delas eram professoras. Nós aqui também temos ido. Vai uma irmã da Arminda que está em Lisboa e vai outra rapariga que é Maria Fontinha também está na Costa da Caparica. Deixa o marido e os filhos, tem dois rapazes já há mais de 20 anos, deixa-os todos três e vai lá também. Este ano passado não fui. Não andava assim muito boa. A senhora que é do doutor Vaz Pato diz que me andou a telefonar para cá muitas vezes e eu não atendia o telefone. O telefone está na minha casa e eu, às vezes, ouvia tocar mas quando lá chegava já tinha parado. Então, ela foi muito preocupada. Que perguntou às senhoras que são daqui, que é que foi feito da Ana, que nunca mais me encontrava em casa. Ainda fui lá umas três vezes mas não sei se já lá vou.



**Ana do Carmo (à esq.), familiares e amigos,
durante um convívio em Fátima (1973)**

Lugar *As paisagens*

Chãs d'Égua pelo menos tem uns bons ares e boa água. Para quem gosta de paisagens assim à moda daqui também pode gostar. Eu gosto. Gosto das serras. Para mim, por exemplo, ir à serra e estar lá um bocado de cima de uma fraga era uma coisa que eu gostava. Gostei muito, quando estava em Lisboa, de ir à praia. Gosto de estar assim por cima daquelas rochas. Gosto de ver as ondas, mas também gosto da serra. Já cá têm passado pessoas que dizem que gostam mais de Chãs d'Égua do que do Piódão. Cada coisa tem o seu valor.

Sonhos Poder trabalhar



Ana do Carmo, com o pai, o cunhado Ricardo e os sobrinhos Adélia, Jorge, Gabriel e Zé (1980)

Para mim já pouco mais desejo. Desejava poder andar e poder trabalhar. O meu pai dizia assim:

- "Olha, a única pena que tenho é não poder trabalhar."

Pois eu também cheguei a uns pontos que tenho pena de não poder trabalhar. Eu gostava muito de poder andar mas... Enfim, seja feita a vontade de Deus.